

BECKETT – *ESPERANDO GODOT*

SUGESTÕES DE LEITURA¹

Fábio de Souza Andrade (DTLLC)

ESPERANDO GODOT

Sobre a peça mais conhecida de Beckett, duas coletâneas de ensaios se destacam: **Beckett: Waiting for Godot — Casebook Series** (Londres: Macmillan, 1987) reúne depoimentos sobre *Godot* no palco, documentos textuais da história de sua recepção e análises estilísticas por scholars que não se dirigem apenas aos especialistas e, mais recente, **Waiting for Godot and Endgame: New Casebooks** (Londres: Macmillan, 1993) traz leituras marcadas pelo pós-estruturalismo e pelos estudos culturais. Para aqueles que se interessem por um mapeamento histórico-crítico dos estudos sobre a peça e o autor, vale lembrar o livro de Peter Boxall, **Samuel Beckett: Waiting for Godot/Endgame — a Reader's Guide to Essential Criticism** (Londres: Icon Books, 2000). Em **Samuel Beckett: the Critical Heritage** (Londres: Routledge Kegan and Paul, 1979), Raymond Federman e Lawrence Graver recolheram as primeiras respostas críticas, resenhas a quente nos jornais, suscitadas pela publicação ou estreia das obras beckettianas.

Apesar de póstuma, a edição da peça que Dougald McMillan e James Knowlson organizaram é essencial, **The Theatrical Notebooks of Samuel Beckett: Waiting for Godot** (Londres: Faber & Faber, 1993), pois incorpora os cortes e alterações introduzidos pelo autor nas montagens que dirigiu ele mesmo. Além de notas, traz a reprodução fac-similar dos diários de encenação de *Warten auf Godot* (Schiller Theater, em Berlim, no ano de 1975), dirigida pessoalmente por Beckett. Sua correspondência com Alan Schneider, seu amigo e diretor da estreia americana da peça, é preciosa para questões práticas e técnicas da encenação e uma janela para a visão que o próprio autor dela tinha. Está reunida por Maurice Harmon, em **No Author Better Served: The Correspondence of Samuel Beckett e Alan Schneider** (Cambridge, MA: Harvard

¹Estas sugestões de leitura foram originalmente elaboradas para a recente edição de *Esperando Godot*, publicada pela Companhia das Letras (Beckett, S. *Esperando Godot*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. Posfácios de Fábio de Souza Andrade, Rónán McDonald e Steven Connor. São Paulo: Companhia das Letras, 2017).

University Press, 1999). Na mesma linha, Lois Oppenheim editou as cartas trocadas por Beckett e Barney Rosset, seu editor americano, em **Dear Mr. Beckett: Letters from the Publisher** (Nova York: Opus, 2017), um volume rico em reproduções de documentos, diagramas, desenhos, artigos de jornal que documentam a primeira recepção americana da peça.

Editado por George Craig, Martha Fehsenfeld, Dan Gunn e Lois Overbeck, a monumental correspondência escolhida em quatro tomos, **The Letters of Samuel Beckett** (Cambridge: Cambridge University Press, 2009, 2011, 2014, 2016) perfaz o processo de escrita e produção tanto de *En attendant godot* quanto de *Waiting for Godot*, na França, em Londres e em Nova York, bem como a colaboração pessoal de Beckett com seus diretores, tradutores e editores pelo mundo.

C. J. Ackerley e Stanley E. Gontarski encarregaram-se de uma obra de referência incontornável pelos interessados em Beckett, neófitos ou não; **The Grove Companion to Samuel Beckett: A Reader's Guide to his Works, Life and Thought** (Nova York: Grove Press, 2004) traz em entradas enciclopédicas, de A a Z, um mundo de informações sobre as obras, os temas, os personagens, dos livros e em torno deles, no mundo editorial e literário, as montagens e as leituras beckettianas. O mesmo Gontarski é o editor de **The Edinburgh Companion to Samuel Beckett and the Arts** (Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014), conjunto de ensaios panorâmicos sobre recepção, europeia e global, performance e discussão filosófica de múltiplos aspectos do universo do dramaturgo irlandês.

Da decana dos estudos beckettianos, Ruby Cohn, vale lembrar **A Beckett Canon** (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005), que resenha com agudeza os textos de poesia, crítica, prosa e drama em que o autor de *Godot* trabalhou, em inglês e francês, no período entre 1929-89. A autora examina os manuscritos, publicados ou não, inclusive os eventualmente abandonados, cuidando de questões contextuais sem deixar de oferecer interpretação. Na mesma linha, **Samuel Beckett in Context** (Cambridge: Cambridge University Press, 2013), editado por Anthony Uhlmann, traz colaborações de especialistas que mapeiam a produção beckettiana no contexto cultural, estético e político-social europeu contemporâneo ao autor.

Em português, Susan Sontag relata as circunstâncias da montagem engajada de *Godot* que dirigiu, em 1993, em meio ao conflito bósnio-sérvio, no ensaio “*Esperando Godot* em Sarajevo”, traduzido no seu **Questão de ênfase** (São Paulo: Companhia das Letras, 2005). Em “Beckett em sua época/ Beckett em nossa época” (**Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 18, pp. 167-76, 2014), Stanley Gontarski avalia montagens beckettianas experimentais, em especial a de *Esperando Godot*, com os atores do Harlem Classical Theatre que, com uma perspectiva afro-americana, ambientou a peça no contexto do desastre social pós-Katrina. Na mesma revista, o “Dossiê Samuel Beckett” (**Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 17, pp. 47-94, 2013) contempla múltiplos aspectos do universo beckettiano.

Para aqueles que se interessam por registros cinematográficos de sua dramaturgia, produções de dezenove das peças de Beckett foram levadas para o cinema, com resultados muito variáveis, pelo projeto **Beckett on Film**, iniciativa da Rádio e Televisão Irlandesa e do Channel 4, reunindo os mais diversos diretores, como Anthony Minghella, Atom Egoyan, Walter Asmus, David Mamet e Michael Lindsay-Hogg — que dirige *Godot* —, e atores como Jeremy Irons, John Gielgud e até mesmo Harold Pinter, dramaturgo e vencedor do prêmio Nobel, como Beckett. O resultado está disponível no site <www.beckettonfilm.com>. A breve incursão de Beckett como diretor de cinema pode ser avaliada no média-metragem *Film*, de 1965, mudo e em preto e branco, com roteiro de Beckett e co-dirigida por Alan Schneider, tendo como protagonista Buster Keaton. O British Film Institut (BFI) relançou o filme, trazendo um documentário e um livreto de ensaios sobre o processo, além de sequências de filmagem inéditas. Em VHS, pode-se encontrar a histórica montagem de *Esperando Godot*, de 1961, dirigida por Alan Schneider, com Zero Mostel e Burgess Meredith, editada pela Foxrock Videos.

SAMUEL BECKETT

A literatura secundária sobre Beckett é vertiginosamente vasta e não para de crescer, como uma visita ao site The Samuel Beckett Endpage, mantido pela Samuel Beckett Society e hospedado pela Universidade de Antuérpia pode facilmente confirmar. Nele, o leitor poderá encontrar notícias sobre publicações, congressos,

revistas acadêmicas especializadas (como o **Journal of Beckett Studies** e **Samuel Beckett Today/Aujourd'hui**) e as montagens mais recentes pelo mundo, além de links para o Beckett Digital Manuscript Project, que se dedica a edições digitais, críticas e bilíngues das principais obras beckettianas, contemplando inclusive variantes e versões preliminares de seus romances e peças para plataformas eletrônicas.

Como primeira aproximação ao universo beckettiano, o leitor de língua portuguesa dispõe do breve volume de Ludovic Janvier, **Beckett: Escritores de sempre** (Rio de Janeiro: José Olympio, 1988), que apresenta as relações entre a vida e a obra do autor. **Samuel Beckett: Escritor plural** (São Paulo: Perspectiva, 2004), de Célia Berrettini, também tem caráter panorâmico e introdutório. Em inglês, a biografia mais conceituada é a de James Knowlson, **Damned to Fame** (Nova York: Grove, 2004). Ainda focado no aspecto biográfico, vale ler o ensaio-resenha “A vida de Sim Botchit”, de Richard Ellmann, em **Ao longo do riocorrente** (São Paulo: Companhia das Letras, 1991). Com menos rigor, a biógrafa Deirdre Bair escreveu **Samuel Beckett** (Nova York: Simon & Schuster, 1990); e Anthony Cronin, em **Samuel Beckett: The Last Modernist** (Nova York: Da Capo, 1999), traz boa pesquisa sobre a vida pessoal do escritor.

As publicações beckettianas mais recentes no Brasil incluem, além das traduções das peças **Fim de partida** (São Paulo: Cosac Naify, 2010) e **Dias felizes** (São Paulo: Cosac Naify, 2010), parte significativa de sua obra ficcional. Da primeira prosa em inglês, há tradução minha do romance passado em Londres, **Murphy** (São Paulo: Cosac Naify, 2013) e do conto que ficou fora de sua estreia como prosador, **More Pricks than Kicks**, publicado apenas postumamente, **Ossos de eco** (São Paulo: Globo, 2016), na tradução de Caetano e Rogério Galindo. Foram recentemente reeditados em novas traduções, de Ana Helena Souza, **Molloy** (São Paulo: Globo, 2008), **Malone morre** (São Paulo: Globo, 2014) e **O inominável** (São Paulo: Globo, 2009), romances que compõem a essencial trilogia parisiense do pós-guerra. Dela se ocupa meu **Samuel Beckett: O silêncio possível** (São Paulo: Ateliê, 2001). Também ganharam versão brasileira **Primeiro amor**, com tradução de Célia Euvaldo (São Paulo: Cosac Naify, 2004) e **Novelas** (São Paulo: Martins Fontes, 2006), com tradução de Eloísa Araújo, que também verteu os **Textos para nada** (São Paulo: Cosac Naify, 2015) e os dois textos **O despovoador/ Mal visto mal dito** (São Paulo: Martins Fontes, 2008). O romance **Como é** (São Paulo: Iluminuras, 2003) foi traduzido por Ana Helena Souza, também

autora de **A tradução como um outro original: Como é de Samuel Beckett** (Rio de Janeiro: 7Letras, 2006).

Ensaísta bissexto, duas das melhores peças críticas de Beckett foram traduzidas para o português: seu ensaio sobre Marcel Proust, o autor de *Em busca do tempo perdido*, em **Proust** (São Paulo: Cosac Naify, 2003), e sua avaliação do *Finnegans Wake*, “Dante... Bruno. Vico... Joyce”, que faz parte do volume dedicado a Joyce organizado por Arthur Nestrovski, **riverrun: Ensaaios sobre James Joyce** (Rio de Janeiro: Imago, 1992). Estudos brasileiros sobre a obra beckettiana incluem ainda o livro de Luiz Fernando Ramos, **O parto de Godot e outras encenações imaginárias** (São Paulo: Hucitec; Fapesp, 1999), uma investigação da importância das rubricas no teatro do irlandês; o livro de Gabriela Borges, **A poética televisual de Samuel Beckett** (São Paulo: AnnaBlume; Fapesp, 2009); o de Isabel Cavalcanti, **Eu que não estou aí onde estou: O teatro de Samuel Beckett** (Rio de Janeiro: 7Letras, 2006); além dos recentes ensaios de Cláudia Maria de Vasconcellos, **Teatro inferno: Samuel Beckett** (São Paulo: Terracota, 2013) e **Samuel Beckett e seus duplos** (São Paulo: Iluminuras, 2017), Rosanne Bezerra de Araújo, **Nihilismo heroico: Samuel Beckett e Hilda Hilst, fim e recomeço da narrativa** (Natal: Ed. da UFRN, 2012) e Luiz Marfuz, **Beckett e a implosão da cena** (São Paulo: Perspectiva, 2014).

Uma boa e breve iniciação iconográfica à obra e à vida de Beckett está no volume de Gerry Dukes, **Samuel Beckett: Illustrated Lives** (Londres: Penguin Books, 2001), que se completa com **The Cambridge Companion to Samuel Beckett** (Cambridge: Cambridge University Press, 1994) e **The New Cambridge Companion to Samuel Beckett** (Cambridge: Cambridge University Press, 1994), coletâneas panorâmica de análises que cobrem a variedade (prosa, teatro, peças para rádio e televisão, ensaio) e a extensão da escrita beckettiana. De Hugh Kenner, além do clássico **Samuel Beckett: A Critical Study** (Londres: Calder and Boyars, 1961), merecem atenção **A Reader's Guide to Samuel Beckett** (Londres: Thames and Hudson, 1973) e **Flaubert, Joyce and Beckett: The Stoic Comedians** (Londres: Dalkey Archive Press, 2005). Sobre a valorização do humor como mecanismo essencial ao conjunto da obra beckettiana, destaca-se **Samuel Beckett: The Comic Gamut** (Nova York: LLC, 2011), de Ruby Cohn. Como exemplo paradigmático da copiosa crítica francesa dedicada ao autor, Maurice Blanchot mimetiza os labirintos da obra do irlandês no ensaio “Où maintenant? Qui maintenant?”, incluído em **Le Livre à Venir** (Paris: Gallimard, 1959).

Em português, dos grandes nomes da crítica contemporânea que se ocuparam de sua obra, estão traduzidos ensaios de Harold Bloom, que lhe dedica, em **O cânone ocidental** (Rio de Janeiro: Objetiva, 1994), o capítulo “Beckett... Joyce. Proust... Shakespeare”, voltado para a guerra de titãs travada entre o autor com as sombras dos grandes mestres citados no título, e de George Steiner, cujo artigo “Do nuance e do escrúpulo” está incluído em **Extraterritorial: A literatura e a revolução da linguagem** (São Paulo: Companhia das Letras, 1990). Pioneira e influente, ainda que discutível, é a leitura de Martin Esslin em **O teatro do absurdo**, que teve edição brasileira pela Jorge Zahar, em 1968, e foi reeditado nos Estados Unidos, em 2004, pela Vintage. Esse livro associa Beckett a autores como Arrabal, Ionesco e Adamov. Beckett também despertou a atenção de prosadores como John Updike, autor de “Tênu consolação da velha Irlanda”, texto que integra a coletânea **Bem perto da costa** (São Paulo: Companhia das Letras, 1991), e Paul Auster, que analisa “Mercier e Camier” em seu **A arte da fome** (Rio de Janeiro: José Olympio, 1996). O ensaio de Gilles Deleuze sobre sua obra televisiva, “O esgotado”, foi publicado no volume **Sobre o teatro: Um manifesto do Menos e O esgotado** (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010)

As dificuldades de encenar Beckett segundo Roger Blin, ator e diretor francês que tem seu nome diretamente associado ao dramaturgo irlandês, responsável por inúmeras de suas estreias, parisienses e mundiais, podem ser melhor conhecidas em **Roger Blin and Twentieth-Century Playwrights** (Cambridge: Cambridge University Press, 1988), volume organizado por Odette Aslan para a coleção *Directors in Perspective*. A tradução para o inglês é de Ruby Cohn e a versão original francesa saiu em 1990, pela editora La Manufacture, de Paris.

Na mesma onda de depoimentos, vale lembrar **Beckett Remembering/ Remembering Beckett: A Centenary Celebration** (Nova York: Arcade Publishing, 2007), uma coleção de material raro que inclui tributos de nomes importantes — Edward Albee, J. M. Coetzee, Jessica Tandy, Martin Esslin, Ruby Cohn, Billie Whitelaw, notas de leitura do próprio Beckett sobre Racine e um capítulo sobre sua experiência como diretor de teatro. James Knowlson responde pela organização. Em **Beckett Before Beckett: Samuel Beckett’s Lectures on French Literature** (Londres: Souvenir, 2010), Brigitte Le Juez recupera registros do curso sobre literatura francesa que Beckett ministrou durante o curto período de juventude em que deu aulas no Trinity College.